

Moderados não vão à convenção

por Marcos Magalhães
de Brasília

Os "moderados" do PMDB não vão à convenção nacional convocada para confirmar a presença do ex-governador Waldir Pires na chapa encabeçada pelo deputado Ulysses Guimarães, no próximo sábado. Eles preferem manter-se à margem da escolha do partido, ao mesmo tempo em que aguardam o desenrolar da questão sucessória para definir, se possível em bloco, como vão agir.

A decisão foi tomada on-

tem à noite, durante uma reunião do grupo realizada no gabinete da liderança do governo na Câmara dos Deputados, com a presença dos ministros Carlos Sant'Anna, Jader Barbalho, Íris Rezende e Roberto Cardoso Alves. Um novo encontro foi marcado para a próxima quarta-feira. Na agenda, estarão a aprovação de um manifesto de independência em relação à candidatura de Ulysses e a formação de um bloco partidário.

"Não vamos à convenção por causa do mau trata-

mento que temos recebido", explicou o deputado Jorge Leite (PMDB-RJ), autor da proposta aprovada por aclamação. O clima hostil em relação à ala progressista não arrefeceu nem após a visita dos deputados ulyssistas Israel Pinheiro Filho (PMDB-MG) e José Carlos Vasconcelos (PMDB-PE) aos "moderados", pouco antes da reunião. Sob o pretexto de conversar com o ministro Íris Rezende sobre um ciclo de palestras promovido pela comissão mista de orçamento, os dois pareciam estar em missão de paz com o grupo.

Dificilmente, porém, os parlamentares do setor governista do PMDB aceitarão apoiar o candidato do partido. "Tenho apreço político e pessoal por Ulysses Guimarães, mas o gru-

po não pode apoiar quem não quer o nosso apoio", disse o ministro Carlos Sant'Anna, da Educação.

O deputado Délio Braz (PMDB-GO), por sua vez, informa que os prefeitos e vereadores de sua base política — a região de Luziânia, ao sul de Brasília — estão seduzidos pelo discurso do candidato Fernando Collor, do PRN. "Vou esperar no máximo dez dias para tomar uma posição em relação à sucessão", alertou Braz aos companheiros.

Os "moderados", contudo, estão dispostos a esperar mais. "Não temos por que nos afobar", acredita o ministro Jader Barbalho, da Previdência Social. Para ele, o grupo tem um potencial de dois milhões de votos nas mãos, que deve ser muito bem explorado.